


Contribuições da Psicolinguística Experimental para a compreensão dos distúrbios de linguagem / *Contributions of Experimental Psycholinguistics to the understanding of language disorders*


Jullyane Glaicy da Costa Ferreira *

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com ênfase na área do Processamento da Linguagem. Mestra em linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com ênfase em processamento linguístico. Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Candido Mendes (UCAM). Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Participa do LAPROL - Laboratório de Processamento Linguístico da UFPB. Atualmente pertence ao quadro de servidores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), através de contrato de trabalho em Regime Temporário, exercendo a função de Professor Substituto do(a) Faculdade de Linguística, Letras e Artes, lotado(a) no(a) Coordenação do Curso de Letras Português - FALLA.

 <https://orcid.org/0009-0001-9533-485X>

José Ferrari Neto **

Possui graduação em Letras pela Universidade Católica de Petrópolis (1999), especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000), mestrado (2003) e doutorado (2008) em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica - RJ (2003). Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisador 2 do CNPq. Tem experiência em docência e pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Psicolinguística e Aquisição da Linguagem. Foi Professor Assistente de Língua Portuguesa e Linguística Geral na Universidade Católica de Petrópolis (RJ) e Professor de Linguística na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Atualmente é Professor Associado IV de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atuando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) e desenvolvendo pesquisas no LAPROL (Laboratório de Processamento Linguístico), com investigações voltadas para o léxico, morfologia, correferência e leitura.

 <https://orcid.org/0000-0003-2734-7197>

Recebido em: 20 de mai. de 2025. **Aprovado** em: 18 de abr. de 2026.

*  jullyane.ferreira@servidor.uepb.edu.br

*  joseferrarin1974@gmail.com

Como citar este artigo:

FERREIRA, Jullyane Glaicy da Costa. Contribuições da Psicolinguística Experimental para a compreensão dos distúrbios de linguagem. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 15, n. 1, p. e6537, mai. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.20262599.

RESUMO

Este estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura de natureza teórico-analítica, voltada à discussão das bases biológicas da comunicação verbal humana e à análise dos fatores associados aos distúrbios da linguagem. Nesse sentido, enfatiza o uso da metodologia experimental da Psicolinguística na investigação de aspectos internos da compreensão e da produção linguística. Parte-se dos pressupostos teóricos que fundamentam os estudos psicolinguísticos, com ênfase nos processos de processamento linguístico. Para a análise, foram selecionados trabalhos publicados entre 2010 e 2023, disponíveis em bases de dados acadêmicas como SciELO, PePSIC e portais institucionais de periódicos, considerando sua relevância para a área, dentre os quais se destacam Mendes *et al.* (2010), Alves *et al.* (2021) e Correia *et al.* (2023), que abordam, respectivamente, a dislexia, a doença de Alzheimer e a gagueira. Os resultados indicam que os diferentes distúrbios analisados apresentam alterações específicas no processamento linguístico, evidenciadas por maior tempo de processamento em tarefas *on-line*, comprometimentos associados à memória de trabalho e alterações nos processos de acesso e representação lexical, além da identificação de possíveis marcadores neurais. Evidencia-se, assim, que a Psicolinguística Experimental contribui de maneira significativa para a compreensão dos distúrbios da linguagem, ao articular evidências empíricas e modelos teóricos na interpretação dos processos cognitivos, favorecendo a descrição dos fenômenos linguísticos e subsidiando intervenções mais adequadas para o desenvolvimento da comunicação funcional.

PALAVRAS-CHAVE: Psicolinguística Experimental; Distúrbios da linguagem; Processamento linguístico.

ABSTRACT

This study is characterized as a theoretical-analytical literature review aimed at discussing the biological bases of human verbal communication and analyzing the factors associated with language disorders. In this sense, it emphasizes the use of experimental methodology from Psycholinguistics to investigate internal aspects of language comprehension and production. The study is grounded in the theoretical assumptions that underpin psycholinguistic research, with emphasis on language processing mechanisms. For the analysis, studies published between 2010 and 2023 were selected from academic databases such as SciELO, PePSIC, and institutional journal platforms, based on their relevance to the field, including Mendes et al. (2010), Alves et al. (2021), and Correia et al. (2023), which address dyslexia, Alzheimer's disease, and stuttering, respectively. The results indicate that the analyzed disorders present specific alterations in language processing, including increased processing time in online tasks, impairments associated with working memory, and disruptions in lexical access and representation, as well as the identification of potential neural markers. It is thus evident that Experimental Psycholinguistics makes a significant contribution to the understanding of language disorders by articulating empirical evidence and theoretical models in the interpretation of cognitive processes, supporting the description of linguistic phenomena and enabling more effective interventions for the development of functional communication.

KEYWORDS: Experimental Psycholinguistics; Language Disorders; Language Processing.

1 Introdução

A comunicação por meio da linguagem verbal é uma das marcas distintivas do ser humano em relação aos animais, pois, além de permitir o avanço dos conhecimentos que são passados através

das gerações de forma oral e escrita, também propicia a vida em sociedade. Essa atividade comum para a maioria dos indivíduos pode não acontecer de maneira efetiva para alguns, seja em função de alterações genéticas, doenças ou até mesmo como o resultado de um acidente - é o que chamamos de *distúrbios da linguagem*.

De acordo com Hübner (2015), os distúrbios da linguagem podem ser descritos como alterações que afetam a linguagem do indivíduo, os quais podem se manifestar na produção da fala, na escrita, na compreensão oral e até mesmo na leitura. Por esse motivo, o desenvolvimento de pesquisas com pacientes que apresentam esses distúrbios é crucial na medida em que permite uma compreensão ampla sobre as especificidades de cada alteração nos mecanismos internos responsáveis pela comunicação linguística.

Uma forma relevante de investigar os distúrbios da linguagem consiste na articulação com a Psicolinguística Experimental, área que se dedica a descrever e analisar os processos envolvidos na compreensão e na produção da linguagem, com foco nos fenômenos relacionados ao seu processamento (Leitão, 2008). Nessa perspectiva, os estudos psicolinguísticos concentram-se nos aspectos internos da linguagem humana, partindo do pressuposto, de orientação gerativista, de que a linguagem constitui uma capacidade inata, sustentada por mecanismos biológicos responsáveis por sua aquisição, compreensão e produção.

Diante disso, a Psicolinguística Experimental fornece ferramentas metodológicas e base teórica sólida que permite aos pesquisadores a investigação sobre o processamento da linguagem humana, por meio de experimentos *on-line* e *off-line*, tais como: a leitura autocadenciada/automonitorada, julgamento de aceitabilidade, rastreamento ocular e o eletroencefalograma (EEG). Tais métodos permitem observar, de forma controlada, aspectos do processamento linguístico que não seriam acessíveis apenas por meio de abordagens descritivas.

A partir dessas considerações, este estudo tem como objetivo analisar as contribuições da Psicolinguística Experimental para a compreensão dos distúrbios de linguagem, a partir da discussão de estudos que investigam diferentes condições linguísticas. Trata-se de uma pesquisa de natureza teórico-analítica, caracterizada como revisão de literatura. Foram selecionados estudos publicados entre 2010 e 2023, localizados em bases de dados acadêmicas reconhecidas, como SciELO, PePSIC e portais institucionais de periódicos, considerando sua relevância para o campo da Psicolinguística e

dos distúrbios da linguagem. A análise concentra-se nas contribuições de Mendes *et al.* (2010), Alves *et al.* (2021) e Correia *et al.* (2023), que abordam, respectivamente, a dislexia, a doença de Alzheimer e a gagueira.

O recorte temporal estabelecido visa abranger tanto estudos clássicos quanto produções mais recentes, permitindo acompanhar as transformações nas abordagens teóricas e metodológicas no âmbito da Psicolinguística Experimental. A escolha dos autores analisados baseia-se na relevância de suas contribuições para o estudo dos distúrbios da linguagem, sobretudo no que diz respeito à relação entre dados experimentais e a interpretação dos processos linguísticos.

O artigo estrutura-se em três momentos: inicialmente, discute-se os distúrbios da linguagem, com destaque para seu desenvolvimento e suas bases biológicas; em seguida, aborda-se a perspectiva da Psicolinguística Experimental, incluindo seus fundamentos teóricos e sua relação com os distúrbios da linguagem e a revisão de estudos relevantes; por fim, apresentam-se as considerações finais, nas quais se sintetizam as principais contribuições do estudo.

2 Os distúrbios da linguagem

O desenvolvimento da linguagem humana é permeado por aspectos biológicos e culturais e está na base da disseminação do conhecimento humano, uma vez que é a partir da linguagem que os indivíduos comunicam conhecimentos a respeito do mundo que os cerca, criam e recriam a história, ampliam as descobertas antigas e lançam as bases para o futuro. Dentro da teoria gerativa, a linguagem é um dos pontos distintivos entre os seres humanos e os animais, dado o grau de complexidade dos símbolos e regras combinatórias para expressar o que queremos.

As habilidades linguísticas se desenvolvem desde a infância, amadurecendo e congregando novas informações para que os sujeitos consigam comunicar-se e executar tarefas do cotidiano ao longo da vida. A aquisição de uma língua apresenta um padrão, independentemente da localização do indivíduo, desse modo “apesar de não estar completamente esclarecido o grau de eficácia com que a linguagem é adquirida, sabe-se que as crianças de diferentes culturas parecem seguir o mesmo percurso global de desenvolvimento da linguagem” (Schirmer *et al.*, 2004, p. 96). Essa informação

dialoga com o conceito de inatismo da teoria gerativa, que propõe uma base biológica para a linguagem.

Schirmer *et al.* (2004) estabelecem uma série de marcos importantes na aquisição da linguagem a cada faixa etária, até os primeiros dois anos de vida. Já nesse início, é possível o reconhecimento de várias classes gramaticais, tais como artigos, verbos e até mesmo preposições de forma intuitiva, bem como a formação de frases e formulação de perguntas. Esse processo, então, acontece concomitantemente ao desenvolvimento de quatro sistemas interdependentes: o pragmático, o fonológico, o semântico e o gramatical, que alinham conhecimentos relacionados ao contexto social, percepção e produção sonora, compreensão do sentido das palavras e a compreensão das regras gramaticais.

O que se percebe é o recrutamento de vários mecanismos e habilidades cerebrais, perceptuais, articulatórias, entre outras para que a linguagem possa se consolidar. Todas elas constituem uma peça crucial na formação linguística dos indivíduos. Contudo, cabe tratar das bases biológicas da linguagem, em especial. Desde muito tempo, pesquisadores vêm buscando localizar a linguagem no aparato cerebral humano e muitas dessas pesquisas estão dentro do escopo da neurociência.

O fato é que há uma complexidade implícita nos procedimentos realizados no corpo humano até que códigos sejam transformados em informações compreensíveis, como podemos observar no trecho a seguir:

O processo da linguagem é bastante complexo e envolve uma rede de neurônios distribuída entre diferentes regiões cerebrais. Em contato com os sons do ambiente, a fala engloba múltiplos sons que ocorrem simultaneamente, em várias frequências e com rápidas transições entre estas. O ouvido tem de sintonizar este sinal auditivo complexo, decodificá-lo e transformá-lo em impulsos elétricos, os quais são conduzidos por células nervosas à área auditiva do córtex cerebral, no lobo temporal. O lobo, então, reprocessa os impulsos, transmite-os às áreas da linguagem e provavelmente armazena a versão do sinal acústico por um certo período de tempo. (Schirmer *et al.*, 2004, p. 97)

A partir dessas colocações, os pesquisadores descrevem o percurso das informações em termos cerebrais, com o auxílio de outros órgãos perceptivos humanos, como a audição, por exemplo. Não é toda informação acústica que carrega consigo um discurso, é necessário filtrar o que é importante

para o estabelecimento da comunicação. Além disso, faz-se necessário o armazenamento dessas informações em uma memória, que consiga reter e recuperar o que é fundamental no momento adequado. O mais impressionante é que todas essas operações acontecem em milésimos de segundo e não são controladas pelos indivíduos, ou seja, são automáticas.

Essas operações são realizadas com êxito graças a coordenação das ações pelo aparato cerebral, que tem um caráter dinâmico e flexível, que se adapta às mudanças e aos novos conhecimentos que vão sendo aprendidos ao longo da vida. Assim, conforme Schirmer *et al.* (2004), ao estudar o cérebro de um adulto em comparação ao cérebro de uma criança, várias diferenças ficam evidentes, o que reflete o amadurecimento do órgão a cada nova experiência vivenciada.

A localização da linguagem no cérebro passou a ganhar notoriedade a partir de casos clínicos de afasias, isto é, a ocorrência de pacientes que, devido a alguma condição genética ou a um acidente com traumas cerebrais, começaram a apresentar comportamentos diferentes tanto em relação a produção da linguagem através da fala, ou em relação à compreensão.

Para exemplificar essa questão, podemos citar as descobertas dos cientistas Karl Wernicke e Paul Broca que, de acordo com Martelotta *et al.* (2008), produziram estudos que especificaram e nomearam lesões cerebrais relacionadas à linguagem, as quais foram nomeadas como afasia de Wernicke e afasia de Broca. As lesões estão relacionadas a áreas específicas do cérebro destinadas à compreensão e à produção da linguagem, nesse sentido, a compreensão da linguagem é processada na área de Wernicke, “situada no lobo temporal, reconhece o padrão de sinais auditivos e interpreta-os até obter conceitos ou pensamentos, ativando um grupo distinto de neurônios para diferentes sinais” (Schirmer *et al.*, 2004, p. 97). Em relação à produção linguística, temos a área de Broca, em que ocorre uma ativação de “uma representação interna do assunto, que é canalizada para a área de Broca, na porção inferior do lobo frontal, e convertida nos padrões de ativação neuronal necessários à produção da fala” (Schirmer *et al.*, 2004, p. 97).

Além disso, há uma conexão entre as áreas de Wernicke e Broca, que ocorre por meio de um feixe de fibras. De acordo com Martelotta *et al.* (2013), esse feixe é chamado de *fascículus arcuatus*, sendo que lesões cerebrais nesta área são referidas como afasias de condução. Esses dados demonstram que há uma complexa organização de funções cerebrais que permitem a linguagem nos seres humanos, conectando e transformando informações a fim de torná-la compreensível e útil à

comunicação. No entanto, intercorrências nesses mecanismos podem levar a quadros de distúrbios da linguagem.

A compreensão das bases biológicas da linguagem é fundamental para identificar os mecanismos neurais que sustentam a comunicação verbal, especialmente no que se refere à produção e à compreensão linguística. Esse conhecimento constitui um suporte teórico essencial para o estudo dos distúrbios da linguagem sob a perspectiva da Psicolinguística Experimental, uma vez que tais condições decorrem de alterações nesses sistemas. Assim, a análise da organização cerebral da linguagem oferece subsídios importantes para a investigação das manifestações atípicas abordadas na seção seguinte.

2.1 Os distúrbios da linguagem oral e escrita

Falar de distúrbios da linguagem implica diretamente em uma alteração dos processos normais do cérebro em relação à produção e a compreensão da linguagem, modificando ou interrompendo o curso das informações, o que pode ocasionar dificuldades na comunicação em diferentes aspectos. As intercorrências mais frequentes podem ser de ordem acidental, como uma lesão na cabeça; uma doença ou até mesmo uma condição genética.

Hübner (2015) apresenta uma definição sobre os distúrbios da linguagem:

Distúrbios da linguagem são alterações manifestadas na linguagem do indivíduo, que podem ocorrer tanto na produção da fala ou da escrita, quanto na compreensão oral ou na leitura. Os distúrbios, os quais são gerados por causas genéticas ou adquiridas, podem se manifestar em qualquer idade em que a pessoa já empregue linguagem, ou seja, pode ter seu início tanto na infância quanto na adolescência ou na vida adulta. (Hübner, 2015, p. 99)

A autora indica formas de ocorrência dos distúrbios, a saber a compreensão e a produção, ambas em dupla vertente: fala/escrita e oralidade/leitura. Essa distinção é fundamental, uma vez que há muitas possibilidades de manifestação das alterações cerebrais em termos de linguagem.

A distinção entre as origens da afasia também é um aspecto importante, pois, segundo Hübner (2015), doenças neurodegenerativas podem causar danos profundos na cognição dos indivíduos, ocasionando perdas ao longo do tempo e afetando significativamente a linguagem, como é o caso da

conhecida doença de Alzheimer. Já nos casos de afasia, há uma lesão cerebral focal que altera o funcionamento cerebral dos mecanismos de linguagem, contudo, há a possibilidade de restabelecimento das funções cognitivas levando em conta diversos fatores, como a natureza e a dimensão da lesão.

Considerando as fases do desenvolvimento humano, podemos identificar distúrbios de linguagem desde a infância, passando pela fase adulta, até a velhice. Na infância, por exemplo, os distúrbios “mais comuns têm em sua etiologia questões genéticas (como no caso da Síndrome de Down e do autismo – este, no entanto, pode ter ainda outras causas além de genéticas), tumores cerebrais ou traumatismo crânio-encefálico (TCE)” (Hübner, 2015, p. 99). De acordo com a autora há também as afasias que se subdividem em: disartrias ou apraxias, considerando a localização e a gravidade da região lesionada.

Ao definir a cognição humana como um conjunto de habilidades cerebrais ou mentais que tem como função auxiliar na compreensão e na aquisição do conhecimento sobre o mundo e sobre si próprio, a pesquisadora reúne, em seguida, as habilidades decorrentes da cognição, como: “pensamento, raciocínio, abstração, linguagem, memória, atenção, criatividade, planejamento, capacidade de resolução de problemas, monitoramento de ações, entre outras funções” (TCE)” (Hübner, 2015, p. 100). Tais habilidades permitem a construção de conhecimento e a aprendizagem de diferentes conhecimentos.

Dentre os integrantes da cognição humana, ganham destaque as memórias e as funções executivas, como podemos observar no trecho que segue:

Dentre os componentes da cognição, encontram-se as memórias (classificadas quanto a seu tempo de duração em de curta ou de longa duração; quanto ao seu conteúdo em procedimental ou declarativa, e quanto à sua função em memória de trabalho, aquela que integra elementos de memórias já armazenadas a elementos novos para possibilitar a geração de novos conhecimentos); as funções executivas (as quais são responsáveis pelo planejamento, controle e monitoramento de ações, pela flexibilidade mental necessária, por exemplo, para se alterar um procedimento em função de uma mudança nas regras de um jogo, ou ainda o controle inibitório necessário para selecionar uma resposta e inibir outra, competidora). (Hübner, 2015, p. 100)

Diante dessas considerações, nota-se que não apenas áreas específicas da linguagem atuam durante a compreensão e a produção linguística, mas também um conjunto de diferentes habilidades cognitivas são fundamentais para o sucesso da linguagem. Essa característica confere uma complexidade que se estende aos estudos investigativos que relacionam linguagem e cognição.

Dentre os diferentes tipos de distúrbios da linguagem que podem ser estudados, Schirmer *et al.* (2004) apresenta-nos uma classificação das alterações da linguagem no que concerne à fala, a saber: o atraso, que é caracterizado pelo ritmo lento que se assemelha com uma faixa etária anterior; a dissociação, em que há discrepância entre o desenvolvimento da linguagem e de outras áreas; e o desvio, marcado por anomalias de ordem qualitativa no desenvolvimento da linguagem que são frequentes em indivíduos com autismo.

Outros distúrbios podem ter origem a partir de crises de epilepsia, por meio de crises convulsivas e de descargas eletroencefalográficas que, de acordo com os estudos da neurociência, podem interferir na linguagem. Assim, “pode-se dizer que três são os distúrbios mais relatados em pacientes epiléticos: as disfasias do desenvolvimento associadas a epilepsia; as afasias críticas (agudas), onde ocorre uma alteração transitória da função cognitiva; e a afasia epilética adquirida” (Schirmer *et al.*, 2004, p. 97). Além disso, os autores listam a etiologia dos distúrbios da linguagem, saber: causa ambiental, atraso isolado da linguagem expressiva, déficit cognitivo, déficit auditivo, autismo e alterações específicas da linguagem.

Cabe ainda mencionar as alterações na linguagem em decorrência do autismo, uma vez que há um aumento de diagnósticos do transtorno, observando principalmente a fase da infância. Sobre essa questão, Schirmer *et al.* (2004) discutem sobre as alterações na fala, que deixa de ser funcional em muitos dos casos, bem como a regressão de aspectos linguísticos já consolidados, e casos mais severos que se apresenta um comprometimento grave culminando na ausência da linguagem. Nesse contexto, é fundamental a produção de estudos que viabilizem a identificação dos diferentes distúrbios de linguagem e que possibilitem cada vez mais intervenções adequadas, proporcionando aos indivíduos condições propícias para a comunicação verbal.

A discussão dos estudos da linguagem, incluindo sua origem e as diferentes manifestações de afasia, evidencia a relevância desse campo para a compreensão dos processos linguísticos. Esse

conjunto de conhecimentos constitui base fundamental para a análise proposta na seção seguinte, que focaliza os estudos da linguagem sob a perspectiva da Psicolinguística Experimental.

3 Os distúrbios da linguagem sob a perspectiva da Psicolinguística Experimental

A Psicolinguística Experimental tem se consolidado como uma abordagem relevante para a investigação dos processos de compreensão e produção da linguagem, ao incorporar métodos experimentais que permitem observar, de forma controlada, o funcionamento do processamento linguístico. Ao longo dessa seção, serão abordados conceitos fundamentais como o surgimento da Psicolinguística, o objetivo da Psicolinguística Experimental, suas principais linhas de investigação e as principais técnicas experimentais de estudo que são amplamente utilizadas. Além disso, serão abordadas as vantagens metodológicas que podem auxiliar na investigação de diferentes distúrbios linguísticos, focalizando dados recentes e suas implicações, o que será feito por meio de uma revisão da literatura.

A Psicolinguística moderna surgiu na década de 50, unindo linguistas e psicólogos dos Estados Unidos com o intuito de expandir os estudos sobre a linguagem humana a partir de técnicas já consagradas na psicologia da época. De acordo com Leitão (2008), dois seminários foram importantes para a consolidação da área, tais como: o seminário de verão de pesquisa entre psicologia e linguística na Universidade de Cornell, em 1951, e o seminário de verão sobre Psicolinguística na Universidade de Indiana, em 1953. Estes abriram as portas para as discussões sobre a cognição humana e métodos de pesquisa eficazes.

Após esses eventos, a Psicolinguística passou por um período de quase 50 anos até aliar-se a à perspectiva gerativista, proposta por Noam Chomsky, que defende uma concepção de linguagem biológica e inata ao ser humano, diferenciando-o de outros animais, por exemplo, em relação à criatividade, uma vez que consegue criar novas sentenças de forma ilimitada. Nesse sentido, é preciso destacar que “a proposta gerativa internaliza o conceito de linguagem, definindo uma faculdade da linguagem, que seria inata e localizada na mente das pessoas” (Leitão, 2008, p. 218). Desse modo, a localização dos construtos linguísticos torna-se interesse mútuo de ambas as áreas: Linguística e Psicologia.

Embora tenha passado por um distanciamento do gerativismo em meados de 1970, que permitiu a aproximação da Psicolinguística com a Linguística Cognitiva em estudos de abordagem semântica, a linha de investigação voltou a aproximar-se da teoria gerativa em 1995. Esse cenário foi resultado de reformulações na teoria chomskyana, como a criação do Programa Minimalista, em que “os procedimentos gerativos passam a ser entendidos como um sistema computacional não mais desvinculado da produção/compreensão de enunciados, mas sim como uma derivação que atua sobre itens lexicais ativos na memória” (Leitão, 2008, p. 220).

Diante da trajetória histórica e dos interesses que permeiam a Psicolinguística, faz-se necessário uma definição sobre ela: “a Psicolinguística é uma ciência que busca experimentalmente entender como adquirimos, processamos e produzimos a linguagem” (Sá e Oliveira, 2022, p. 6). Os autores enfatizam o aspecto principal da linha investigativa, conhecer os processos mentais que ocorrem de forma automática na mente humana para que haja a produção e a compreensão da linguagem.

Para que seja realizada a investigação dos fenômenos da linguagem, é necessário dispor de uma metodologia robusta, pois esses processos mentais acontecem em milésimos de segundo. Sobre esse fato, Sá e Oliveira (2022) fazem algumas observações:

Em Psicolinguística, a introspecção pode ser um ponto de partida, mas nunca de chegada. Para a testagem das hipóteses, criamos experimentos que têm como objetivo coletar dados quantitativos. Na Psicolinguística, como não é possível observar o fenômeno no seu processamento, aquisição ou produção em si, a relação de causalidade é inferencial, ou seja, a partir de tais dados, realizamos análises estatísticas que nos permitem fazer inferências e, assim, verificar se nossa hipótese seria verdadeira e, conseqüentemente, nossa teoria sobre processamento, aquisição ou produção do fenômeno linguístico seria também verdadeira. (Sá e Oliveira, 2022, p. 6)

A construção cuidadosa, a aplicação e a análise estatística dos experimentos faz parte da rotina de um psicolinguista, que, a partir da elaboração de hipóteses, busca testar indivíduos de diferentes idades e realidades linguísticas, controlando bem as variáveis do modelo experimental proposto.

De acordo com Leitão (2008), a Psicolinguística tem como objetivo a investigação de três pontos principais: a aquisição, a produção e a compreensão da linguagem pelos humanos. Com isso,

tem seu campo subdividido em: *Psicolinguística Desenvolvidor*, que se preocupa com a aquisição da linguagem, e a *Psicolinguística Experimental*, responsável pelo estudo da produção e compreensão linguística. O termo *Experimental* é essencial nessa área, uma vez que os pesquisadores frequentemente utilizam tarefas experimentais para o estudo dos mais variados fenômenos linguísticos.

[...] a *Psicolinguística experimental* tem como objetivo básico descrever e analisar a maneira como o ser humano compreende e produz linguagem, observando fenômenos linguísticos relacionados ao processamento da linguagem. Ou seja, esses fenômenos são tratados e focalizados do ponto de vista de sua execução pelos falantes/ouvintes a partir de seu aparato perceptual/articulatório e de seus sistemas de memória. (Leitão, 2008, p. 221)

As considerações de Leitão (2008) reforçam a importância da linha de pesquisa em termos procedimentais, que, no intuito de trazer luz a questões internas da linguagem, capta dados da percepção dos falantes/ouvintes da língua, bem como da memória, mecanismo crucial na leitura e compreensão da linguagem. O que o autor quer dizer com isto é que o ato cotidiano de fazer a leitura de uma frase, que superficialmente pode parecer algo simples e muito rápido, na verdade carrega consigo diversas operações mentais que garantem a transformação de códigos simbólicos regidos por regras convencionadas, as letras, em uma informação com significado e direcionar pensamentos e até mesmo ações, ou seja, a informação visual transforma-se em informação linguística.

Dada a complexidade dos fenômenos linguísticos, é preciso separar as investigações sobre compreensão daquelas que focalizam a produção da linguagem. Essa distinção, segundo Leitão (2008), é necessária, porque a natureza dos fenômenos é diferente. Desde o início das investigações sobre a natureza biológica da linguagem e sua localização no cérebro partiu de pesquisas com pacientes que apresentavam distúrbios da linguagem. Estes podem ser ora “distúrbios de produção sem maiores danos na compreensão, como é o caso das afasias com lesão na área de Broca, ora a distúrbios de compreensão sem maiores danos na produção, como é o caso das afasias com lesão na área de Wernicke” (Leitão, 2008, p. 222). Outro ponto a ser mencionado é o desequilíbrio na formulação de pesquisas nestas duas vertentes, resultando em um vasto número de estudos sobre compreensão em detrimento da produção da linguagem, o que se deve às vantagens e facilidades metodológicas para a primeira.

Isto posto, discutiremos o arcabouço metodológico empregado na Psicolinguística Experimental, o qual pode ser dividido em dois tipos, como verifica-se no trecho que segue:

Os métodos que fornecem dados de tempo de reação dos participantes durante o curso do processamento linguístico, tais como a leitura autocadenciada, são métodos *on-line*. Já os métodos que fornecem dados do comportamento dos participantes em reação a estímulos linguísticos previamente processados, tais como o julgamento de aceitabilidade, são denominados métodos *off-line*. Assim, essa classificação separa os métodos que investigam o comportamento dos participantes no momento exato em que uma unidade linguística é processada (métodos *on-line*) daqueles que investigam o comportamento após esse processamento (métodos *off-line*). (Sá e Oliveira, 2022, p. 8)

Com isso, entende-se que a partir de dois caminhos experimentais, *on-line* e *off-line*, podem ser utilizadas diferentes técnicas, a depender do objetivo do pesquisador. Os métodos *on-line* trazem informações do momento exato do processamento de frases ou palavras, por exemplo; já os métodos *off-line* permitem a extração de dados referentes a um momento posterior ao processamento, em que o indivíduo pôde refletir sobre o conjunto experimental apresentado.

As principais técnicas utilizadas dentre os métodos *on-line* e *off-line* são: a leitura autocadenciada/automonitorada, julgamento de aceitabilidade, rastreamento ocular e o eletroencefalograma (EEG). Para cada uma delas, é necessário um controle do conjunto experimental em vários aspectos, tais como a quantidade, o tipo, além da verificação padronizada dos participantes, para que a atuação maior de variáveis no fenômeno testado seja aquelas que foram previamente controladas.

Diante disso, os estudos psicolinguísticos fornecem ferramentas metodológicas e base teórica sólida que permite aos pesquisadores a investigação sobre o processamento da linguagem humana, tanto em indivíduos com funcionamento adequado das funções linguísticas mentais, quanto aqueles que apresentam algum distúrbio da linguagem, auxiliando no mapeamento das características e aspectos que podem modificar a relação dos indivíduos com a linguagem.

3.1 A relação entre a Psicolinguística e os distúrbios da linguagem

A partir da reaproximação entre a teoria gerativa, liderada por Chomsky, e a psicologia moderna, tornou-se possível o estudo de aspectos internos ao processamento da linguagem humana. Mantendo a ênfase no estudo da competência linguística, os estudos da Psicolinguística passaram a investigar o desempenho da linguagem. Com o passar dos anos, a área cresceu em quantidade de pesquisas desenvolvidas e em interfaces com diferentes linhas de pesquisa para um mapeamento dos fenômenos da linguagem.

Segundo Maia (2015), há um aumento na contribuição dos estudos psicolinguísticos para ampliar o conhecimento sobre a linguagem em diferentes ângulos. Dentre as interfaces mais conhecidas, o autor cita o processamento de frases, a computação gramatical, o processamento anafórico, o processamento de palavras, a aquisição da linguagem, a produção da linguagem, os distúrbios de linguagem, a alfabetização, a leitura, a descrição gramatical, o processamento da segunda língua, a Neurociência e a Neurociência Cognitiva. Diante da variedade de áreas que compartilham de interesses científicos com a Psicolinguística, destacamos as investigações experimentais sobre os distúrbios da linguagem.

A princípio, é importante salientar que muito do que se sabe sobre o aspecto biológico da linguagem foi fruto de investigações médicas, em especial com pacientes afásicos. Por essa razão, os estudos que envolvem os distúrbios da linguagem possibilitam vislumbrar características da estrutura do cérebro humano e a identificação de áreas e funções relacionadas à linguagem. Por se tratar de um fenômeno complexo e que envolve diferentes mecanismos como a memória e atenção, por exemplo, as pesquisas são guiadas com cautela, analisando cada aspecto e relacionando ao desempenho geral, como observamos no trecho que segue:

O indivíduo afásico demonstra uma dissociação entre os sintomas de distúrbios linguísticos; por exemplo, ele pode ou não apresentar graus de acometimento em alguns aspectos como compreensão auditiva e visual, fluência verbal, leitura, escrita, nomeação; pode ou não demonstrar parafasias (substituições de palavras ou de seus morfemas ou fonemas), anomias (dificuldade ou incapacidade de nomear), apraxias de fala (desordem neurológica que causa dificuldade para executar movimentos e gestos precisos, necessários à fala). Devido a essa dissociação, pode-se inferir sobre como se dá o processamento de cada um dos

níveis linguísticos (sintaxe, semântica, discurso,...) e relacionar cada tipo de processamento às áreas cerebrais que seriam por eles responsáveis, uma vez que quando uma área está afetada, como no caso de lesões que acarretam afasias, o fato de estarem acometidas poderá acarretar um determinado tipo de distúrbio na linguagem.. (Hübner, 2015, p. 102-103)

De acordo com Hübner (2015), cada nível linguístico pode estar associado a uma área diferente do cérebro, permitindo uma compreensão detalhada em cada tipo de afasia. Nesse sentido, os estudos psicolinguísticos concentram-se em encontrar possíveis padrões de organização cerebral/mental na produção e compreensão da linguagem, ainda que haja muitas diferenças individuais entre os sujeitos.

Como uma forma de organização a fim de conduzir um estudo experimental, a pesquisadora cita as subdivisões dos tipos de afasias, configurando três tipos: “emissivas (maiores problemas na produção de fala e escrita, como na afasia de Broca), receptivas (maiores problemas na compreensão oral e escrita, como na afasia de Wernicke) e mistas (problemas tanto de emissão quanto de produção, em níveis semelhantes)” (Hübner, 2015, p. 103). Tal distinção é fundamental, uma vez que há muitas manifestações de afasias, com características distintas.

Além disso, algumas manifestações entre os pacientes afásicos podem ser destacadas, tais como: “as paráfrases, as anomias, as estereotipias, as perseverações, os neologismos, os circunlóquios, os agramatismos e as reduções ou supressões” (Hübner, 2015, p. 103). A partir da identificação dessas manifestações, que podem ocorrer em nível e palavra, frase ou até mesmo discurso, busca-se mapeá-las e propor estratégias de recuperação, a fim de que os indivíduos afetados possam melhorar o nível de comunicação e a qualidade de vida.

Dentro da perspectiva da Psicolinguística Experimental, um fenômeno linguístico é estudado a partir de técnicas experimentais que buscam obter dados sobre o processamento de palavras e sentenças, utilizando técnicas *on-line* e *off-line*, as quais mencionamos anteriormente. Segundo a pesquisadora, as técnicas experimentais mais utilizadas com pacientes afásicos são os eletromagnéticas de neuroimagem funcional EEG, as técnicas hemodinâmicas de neuroimagem funcional (Imagem por Ressonância Magnética Funcional) e a estimulação magnética transcraniana. As técnicas experimentais também podem ser relacionadas entre si, a depender dos objetivos de cada pesquisa, o que garante um número maior de informações sobre o fenômeno investigado.

Hübner (2015) enfatiza a importância de um trabalho multidisciplinar, possibilitando a cooperação entre diferentes profissionais para compreender melhor o processamento da linguagem em pacientes afásicos. Questionários prévios podem auxiliar, com o objetivo de filtrar informações que podem configurar como uma variável atuante na investigação, como hábitos de leitura e até mesmo se o indivíduo é bilíngue. Nesse sentido, a autora defende um olhar holístico para o ser humano, entendendo que diferentes aspectos podem influenciar nos resultados dos exames, dentre eles os hábitos de saúde, higiene, profissão que exerce e a escolaridade. Em outras palavras, não é suficiente olhar apenas para o aspecto linguístico, mas para um conjunto de fatores para a obtenção de resultados confiáveis.

A partir desses pressupostos, é possível compreender de que modo a Psicolinguística Experimental tem sido aplicada à investigação dos distúrbios da linguagem, conforme será discutido na subseção seguinte.

3.2 Estudos sobre os distúrbios da linguagem dentro da área da Psicolinguística Experimental

Este estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura de natureza teórico-analítica. Para a constituição do corpus, foram selecionados trabalhos publicados entre 2010 e 2023, com base em sua relevância para o campo da Psicolinguística Experimental e dos estudos sobre distúrbios da linguagem. Os estudos analisados foram localizados em bases de dados acadêmicas reconhecidas, como SciELO, PePSIC e portais institucionais de periódicos.

Ressalta-se, contudo, que o objetivo deste trabalho não consistiu na realização de um levantamento exaustivo da produção na área, mas na seleção de estudos que evidenciam as contribuições da Psicolinguística Experimental para a compreensão de diferentes distúrbios da linguagem, como a gagueira, a doença de Alzheimer e a dislexia. Nesse sentido, destacam-se os trabalhos de Mendes et al. (2010), Alves et al. (2021) e Correia et al. (2023), cujas análises permitem evidenciar a diversidade de abordagens e metodologias empregadas na investigação dos processos linguísticos.

Inicialmente partiremos de uma pesquisa intitulada *Dislexia e Processamento Sintático*, que foi produzida por Mendes et al. (2010). O objetivo principal foi estudar em nível sintático como os

sujeitos disléxicos processam a linguagem, principalmente na relação entre a aposição sintática e a concordância sujeito/verbo em períodos formados por uma oração adjetiva restritiva. Nesse sentido, o público-alvo da investigação foi composto por crianças disléxicas (grupo-alvo) e crianças não disléxicas (grupo-controle).

A dislexia é um transtorno de leitura, por isso a motivação da investigação pautou-se no fato de “disléxicos possuírem déficit na rota fonológica de leitura, o que pode induzir os erros de concordância no processamento da leitura” (Mendes *et al.*, 2010, p. 48). A explicação desse déficit se deve a problemas na decodificação da leitura na memória de trabalho, incorrendo em uma sobrecarga que amplia os tempos de leitura de uma sentença. Além disso, o número de pesquisas sobre processamento de sentenças com sujeitos disléxicos é reduzido, destacando a necessidade de explorar como ocorre o processamento sintático por meio de experimentos psicolinguísticos *on-line*, que conseguem fornecer dados do momento em que ocorre o processamento.

Participaram da tarefa experimental 16 crianças, boas leitoras, com idade entre 9 e 11, estudantes do Ensino Fundamental, no Rio de Janeiro. Ambas foram divididas em dois grupos: disléxicas (grupo-alvo) e não disléxicas (grupo-controle) e responderam a uma tarefa de leitura automonitorada de frases não cumulativa, contendo uma pergunta de compreensão ao final. Neste tipo de tarefa, as sentenças são divididas em segmentos que são apresentados um por vez ao indivíduo, de modo que cada novo segmento substitui o anterior. Assim, na composição da tarefa as variáveis independentes foram definidas da seguinte maneira: “Fator 1: Grupo normal/disléxico; Fator 2: Concordância singular/plural; e Fator 3: Aposição da OR local/não-local” (Mendes *et al.*, 2010, p. 49). Por outro lado, as variáveis dependentes foram os tempos de leitura do segmento crítico (medida *on-line*) e o índice de acertos à pergunta controle (medida *off-line*). A comparação entre essas diferentes medidas permite ao pesquisador observar o fenômeno por diferentes ângulos, compreendendo o processamento linguístico em estágios diferentes.

Após a análise estatística dos dados, os resultados indicaram que “há diferença entre a leitura de crianças disléxicas e não disléxicas nas fases distintas de processamento da mesma, o processamento reflexo e reflexivo” (Mendes *et al.*, 2010, p. 56). Nesse sentido, além da sensibilidade rápida à concordância de orações relativas apostas a sintagmas nominais complexos, as crianças disléxicas apresentaram um tempo maior de leitura se comparadas às crianças do grupo-controle. No

entanto, essas diferenças entre os grupos não foram observadas no processamento *off-line*, a partir do índice de acertos da pergunta controle. Assim, Mendes *et al.* (2010) reforça a ideia de que, em um contexto escolar, alunos disléxicos Em relação ao contexto escolar dos disléxicos, esta pesquisa reforça a ideia de que os disléxicos não apresentam dificuldade de compreensão na leitura de textos, contudo haverá uma demora significativa na realização dessa tarefa.

Outro distúrbio da linguagem foi investigado por Alves *et al.* (2021) e resultou na publicação do estudo *Processamento correferencial em idosos com e sem doença de Alzheimer*, que buscou, por meio de dois experimentos de leitura automonitorada, traçar um comparativo entre idosos com e sem Doença de Alzheimer (DA) em relação ao processamento da leitura de sentenças. Para compreender melhor o público-alvo do estudo, os autores apresentam a definição da DA como “uma patologia neurodegenerativa [...] uma doença multifatorial complexa, com comprometimentos que envolvem cognição, memória e o comportamento” (Alves *et al.*, 2021, p. 2), e explicitam as principais formas de diagnóstico.

Alves *et al.* (2021) discutem sobre as alterações na linguagem que uma pessoa com síndrome demencial podem apresentar, desde quadros mais leves, quando afeta as funções lexicais, semânticas e pragmáticas, até casos mais graves, em que há alterações nos domínios articulatórios e sintáticos em estágio final da doença. Os autores também destacam o papel da memória em quadros de DA, uma vez que tanto a produção, a compreensão da linguagem e outros mecanismos cognitivos estão relacionados à memória.

Nesse contexto, o estudo experimental do processamento da linguagem com pacientes com DA é essencial para a percepção da complexidade da linguagem em termos cerebrais. Dentre os fenômenos que permeiam a linguagem, os pesquisadores focalizam o processamento anafórico de sentenças, assumindo a proeminência discursiva e a memória de trabalho como variáveis que podem afetar o processamento. Tais variáveis podem interferir na resolução anafórica, que pode ocorrer em diferentes formas: pronome, nome repetido e categoria vazia. As diferenças entre o processamento das anáforas pode ser explicado por teorias consagradas como a Teoria da Centralização (Gordon *et al.*, 1995) e a Hipótese da Carga Informacional (Almor, 1999). Na Teoria da Centralização, um dos efeitos mais reportados entre os trabalhos sobre anáfora é a Penalidade do Nome Repetido, que

preconiza tempos maiores de processamento para nome repetido em comparação com os pronomes plenos.

Diante do aporte teórico mencionado, os autores defendem que “o estudo do processamento anafórico em pacientes com DA pode permitir avanços na investigação de que componentes estão prejudicados em termos linguísticos e que relação os mesmos estabelecem com os aspectos cognitivos” (Alves *et al.*, 202, p. 3). Para isso, os pesquisadores realizaram dois experimentos psicolinguísticos com idosos acima de 60 anos, com escolaridade a partir do ensino fundamental completo, e foram divididos em dois grupos: seis idosos do grupo ISA, que não apresentavam a doença de Alzheimer, e doze idosos do grupo IDA, que apresentavam um quadro da doença. Os participantes foram submetidos a um MiniExame do Estado Mental que considerou o nível de escolaridade informado.

Foram aplicados dois experimentos *on-line*, por meio do Programa Psyscope, utilizando a técnica de leitura automonitorada, ambos com 8 sentenças experimentais. A primeira tarefa buscou comparar o processamento do pronome lexical com o do nome repetido em posição de objeto. Já a segunda tarefa teve como objetivo analisar sentenças correferenciais contendo hiperônimos e hipônimos, em relação aos seus respectivos antecedentes, em posição de objeto direto. Ambas foram aplicadas em falantes nativos do português brasileiro. Assim, as variáveis dependentes foram o tempo de leitura das anáforas e o índice de acertos à pergunta controle.

Os resultados estatísticos apontaram que idosos com DA em um estágio inicial “apresentaram resultado inverso ao dos idosos sem alterações neurológicas, demonstrando mais rapidez na retomada de nomes repetidos do que de pronomes, o que permite a confirmação da hipótese do comprometimento da memória de trabalho, comum em idosos com DA” (Alves *et al.*, 2021, p. 8). Além do que, a Hipótese da Carga Informacional (Almor, 1999) foi confirmada apenas em idosos do grupo ISA, que não apresentavam a doença de Alzheimer, que preferiram anáforas com pronomes e hiperônimos.

Finalmente, abordaremos a gagueira como um dos tipos de distúrbios da linguagem, apresentando uma das pesquisas mais recentes na área, produzida por Correia *et al.* (2023), que foi intitulada *Processamento de classes de palavras em adultos com e sem gagueira: um estudo sobre a testabilidade da Teoria Integrada da Fluência*. O estudo reuniu as áreas da Linguística, Psicolinguística

e Neurolinguística com o intuito de testar os princípios da Teoria Integrada da Fluência, que preconiza a fluência verbal como uma habilidade linguística.

A relação com a produção da fala ocorre, pois a gagueira é um transtorno de fluência, que surge ainda na infância. Nesse sentido, os pesquisadores discutem aspectos linguísticos da gagueira à luz da Teoria Integrada da Fluência, proposta por Correia (2020), e realizaram experimentos com o objetivo de “testar a proposição fundamental da Teoria Integrada da Fluência a partir da investigação de potenciais relacionados a eventos (ERPs) eliciados por palavras de classe aberta e fechada em adultos com e sem gagueira” (Correia *et. al.*, 2023, p. 17). Em outras palavras, a pesquisa se concentrou em compreender as características que tornam o cérebro fluente e conhecer os processos neurais que estão relacionados nessa dinâmica neurofisiológica.

Correia *et. al.* (2023) realizaram um experimento com paradigma misto, no qual participaram cerca de 14 adultos com gagueira (grupo experimental - AQG) e 14 adultos fluentes (grupo controle - AF), que tinham em média 24,6 anos, todos falantes nativos de Português Brasileiro. Os sujeitos passaram por uma avaliação prévia com fonoaudiólogas especialistas em fluência, em que foram verificadas algumas informações sobre o histórico médico de cada um.

Foi aplicada uma tarefa de leitura silenciosa de frases, concomitante ao registro da atividade elétrica cerebral por meio da eletroencefalografia. As frases apareciam na tela do computador e ao final da leitura de cada uma o participante precisava responder a seguinte pergunta: “Essa é uma boa frase em português?”, pressionado o botão de “sim” ou “não”. A tarefa teve tempo médio de realização entre 50 e 60 minutos.

A partir das medidas *on-line* e *off-line*, os pesquisadores analisaram os dados estatisticamente e obtiveram resultados significativos sobre a gagueira em adultos. Inicialmente, conseguiram confirmar que a Teoria Integrada da Fluência tem potencial elevado para explicar a gagueira, uma vez que a fluência verbal “depende de processos ótimos de identificação e acesso dos traços formais, principalmente o categorial; e o surgimento da gagueira pode estar relacionado com dificuldades na representação dos traços formais no léxico mental e/ou em acessá-los durante a computação *on-line*” (Correia *et. al.*, 2023, p. 14).

Ademais, sujeitos do grupo AQG, grupo experimental, demonstraram padrões diferentes do grupo AF, que culminou em dificuldades no julgamento de plausibilidade das sentenças experimentais.

Assim, os pesquisadores conseguiram apontar um biomarcador neural para a gagueira, o P3a, indicando alterações neurais ainda na infância. Isso porque essa foi a principal diferença entre adultos com ou sem gagueira foi atividade elétrica cerebral subjacente ao processo de identificação categorial das palavras. O estudo confirma o que foi proposto por Correia (2020), reforçando a continuidade de pesquisas que explorem mais aspectos sobre a gagueira.

As análises realizadas evidenciam a relevância da abordagem Psicolinguística Experimental para a compreensão dos distúrbios da linguagem, conforme será sintetizado a seguir.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar as contribuições da Psicolinguística Experimental para a compreensão dos distúrbios da linguagem, a partir da articulação entre fundamentos teóricos e evidências empíricas. Ao integrar fundamentos teóricos e evidências empíricas, buscou-se evidenciar a relevância dos métodos experimentais na investigação dos processos linguísticos em contextos típicos e atípicos.

A análise dos trabalhos selecionados permitiu identificar que, embora investiguem diferentes distúrbios, como dislexia, doença de Alzheimer e gagueira, todos apontam para alterações específicas no processamento linguístico. No caso da dislexia, constatou-se que as dificuldades se concentram no processamento *on-line*, evidenciadas por maior tempo de leitura, sem prejuízo significativo na compreensão. Em relação à doença de Alzheimer, os achados indicam comprometimentos relacionados à memória de trabalho, com impacto no processamento correferencial. Já no caso da gagueira, os resultados sugerem alterações nos processos de acesso e representação lexical, além da identificação de possíveis marcadores neurais associados ao fenômeno.

Nota-se uma tendência em combinar a Psicolinguística a outras áreas de estudo, como a linguística e a neurolinguística, uma vez que os distúrbios afetam diferentes mecanismos cerebrais. Essa conexão permite explorar de forma ampla a complexidade das interferências nos mecanismos linguísticos e propor intervenções adequadas que garantem uma condição de vida melhor aos pacientes, a fim de que possam desenvolver uma comunicação funcional na sociedade.

Em relação às técnicas utilizadas nos estudos, observa-se a importância da Psicolinguística Experimental como um campo capaz de articular diferentes níveis de análise, ao empregar tarefas como a leitura automonitorada e o registro da atividade elétrica cerebral EEG. Nesse sentido, observa-se que a contribuição dessa abordagem ultrapassa a dimensão teórica, ao possibilitar a identificação de padrões de processamento linguístico e de suas variações em diferentes condições, seja no momento em que as informações são processadas ou posteriormente.

Por fim, destaca-se a importância de ampliar investigações que explorem a interface entre Psicolinguística Experimental e distúrbios da linguagem, especialmente por meio da diversificação de técnicas metodológicas e da análise de novos fenômenos linguísticos, contribuindo para o avanço da área e para uma compreensão mais abrangente dos processos envolvidos na linguagem humana.

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: FERREIRA, Jullyane Glaicy da Costa Conceitualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. FERRARI NETO, José Conceitualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

ALMOR, Amit. *Noun-phrase anaphora and focus: the informational load hypothesis*. Psychological Review, v. 106, n. 4, p. 748–765, 1999.

ALVES, Giorvan; COELHO, Julyane; LEITÃO, Márcio. *Processamento correferencial em idosos com e sem doença de Alzheimer*. CoDAS, v. 33, n. 4, e20200230, 2021.

CORREIA, Débora Vasconcelos. *Teoria integrada da fluência: afinal, o que é fluência?* 2020. 324 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18713>. Acesso em: 12 abr. 2026.

CORREIA, Débora; WEISSHEIMER, Janaína; ESTIVALET, Gustavo; FERRARI-NETO, José. *Processamento de classes de palavras em adultos com e sem gagueira: um estudo sobre a estabilidade da Teoria Integrada da Fluência*. *Letrônica*, v. 16, n. 1, p. e44428, 2023.

GORDON, Peter C.; CHAN, Davina. *Pronouns, passives, and discourse coherence*. *Journal of Memory and Language*, v. 34, n. 2, p. 216–231, 1995.

HÜBNER, Lilian. *Distúrbios da linguagem*. In: MAIA, Marcus (org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

LEITÃO, Márcio. *Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem*. In: MARTELOTTA, Mário (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAIA, Marcus. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTELOTTA, Mário (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MENDES, Luciana; MAIA, Marcus; GOMES, Gastão. *Dislexia e processamento sintático*. *Revista Psicopedagogia*, v. 27, n. 82, p. 47–58, 2010.

SÁ, Thaís; OLIVEIRA, Cândido. *Métodos experimentais em Psicolinguística: uma introdução*. In: SÁ, Thaís; OLIVEIRA, Cândido (org.). *Métodos experimentais em Psicolinguística*. São Paulo: Pá de Palavra, 2022.

SCHIRMER, Carolina; FONTOURA, Denise; NUNES, Magda. *Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem*. *Jornal de Pediatria*, v. 80, p. 95–103, 2004.